



PROGRAMA ENTRELAÇOS

ATA DA REUNIÃO DO GRUPO É POSSÍVEL

Em **15 de MAIO de 2020** foi realizada das **10.00h às 12:10h**, por meio da ferramenta virtual zoom, a reunião do Grupo É Possível. Participaram da reunião os membros do Grupo: Clarice, Antônio Nunes, Alessandra Aguiar e Heliene. O evento teve a participação do Dr. Leonardo Palmeira e Dr. Elias Carim, ambos da coordenação do Programa Entrelaços.



Os principais pontos discutidos seguem especificadas a seguir para apreciação.

Levantou-se inicialmente a discussão sobre o impacto da quarentena devido a pandemia do COVID-19 na rotina dos vulneráveis e familiares. Como está um quadro comum no país o aumento do desemprego decorrente da crise econômica, o fato aconteceu com um dos pacientes filho do membro do grupo, mas, felizmente, a reação do vulnerável à situação foi superada com equilíbrio e deixou os familiares mais aliviados. Ele está tendo o acompanhamento reforçado pelos pais durante esta fase, pois estão receosos que alguma alteração do quadro clínico e emocional possa aparecer, apesar da estabilidade.

Foi comum nos relatos dos participantes a questão da dificuldade para manter os vulneráveis obedientes aos protocolos recomendados para prevenção do COVID, como o uso da máscara, higiene adequado, isolamento social, etc, gerando receio em relação à segurança dos mesmos.

Quanto ao clima de incertezas e ameaças dominado por notícias negativas do cenário do país e das mortes ocorridas na pandemia, algumas pessoas referiram estarem sendo impactadas emocionalmente, resultando no aumento do medo e ansiedade e na qualidade do relaxamento e repouso.

Outro tema muito relevante e atual foi sobre o aumento do estigma e preconceito associados ao comportamento público e condições dos vulneráveis. Um dos familiares relatou que o irmão teve uma forte crise da esquizofrenia e fugiu de casa perambulando pelas ruas despedido, sendo alvo de ridicularização das pessoas que presenciavam a cena e documentado absurdamente em um vídeo gravado por um transeunte que publicou em redes sociais. Outra participante relatou que a irmã vulnerável também passa por situação de

rejeição semelhante no condomínio onde mora, pois tem hábitos “atípicos” para o convívio social.

Uma questão que teve ampla discussão foi sobre a qualidade e quantidade da rede de apoio para os acometidos por transtornos mentais graves. Todos temem pelos cuidados dos vulneráveis na ausência dos cuidadores principais, como pais, mães e irmãos, agravados pelo déficit de um sistema que auxilie os familiares. Uma das participantes relatou que tem na família quatro casos de esquizofrenia e o cuidador de três deles é a mãe idosa e com várias comorbidades. A outra participante também tem problemas com a irmã vulnerável que reside sozinha e requer atenção. Por isto sentem falta de uma rede de apoio mais estruturada.

A necessidade de ampliação dos CAPS e de serviços de assistência domiciliar foram pontuadas como pontos importantes, pois existe no país uma grande lacuna neste sentido e é preciso ter uma mudança na cultura nacional para se adequar aos novos modelos de assistência que não seja a internação de longa permanência. Desta forma, alternativas de suporte social para assistir e apoiar as pessoas que sofrem de transtornos mentais e seus familiares são fundamentais.

O Dr. Leonardo e o Dr. Elias falaram sobre a importância de se estudar profundamente sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), sobre a Reforma Antimanicomial e sobre novos caminhos de apoio social para suprir a brecha na rede atual do país, um problema gerado não somente pela falta de investimentos públicos na área da saúde mental, bem como maximizado por um problema cultural dos brasileiros em aceitar novas abordagens de assistência nesta área.

Os médicos citaram alguns modelos de suporte aos pacientes que permitem aos mesmos estarem inseridos na própria sociedade, dando continuidade ao processo de recuperação, e garantindo os direitos dos usuários e de seus familiares, além do apoio mútuo promovido. Estas organizações já são realidade em países, como Estados Unidos da América, Argentina, França e Inglaterra, por exemplo. No Brasil se poderia pensar na possibilidade de uma rede de arrimo, coordenada por familiares e/ou pacientes, para projeção destes aparatos sociais e/ou de residência. Foi mencionando inclusive sobre alguns destes projetos no âmbito internacional.

O *Fountain House* (Casa da Fonte), em Nova Iorque, se trata de “uma casa de apoio e integração entre pares que passam pela experiência da doença mental e se recuperam através do trabalho, das artes e de outras iniciativas sociais que ocorrem dentro da casa, criada e coordenada por eles”¹.

O Nacional Alliance on Mental Illness (NAMI), fornece advocacia, educação, apoio e conscientização pública para que todos os indivíduos e famílias afetadas por doenças mentais possam construir vidas melhores².

Então, é possível ter locais com formatos alternativos as atuais moradias assistidas, que apesar de ser um bom recurso, são mais caras. Espaços como albergues, cooperativas familiares, Organizações Não Governamentais (ONG) e *live room*, como comentado, já existem e são menos onerosos. Devido à dificuldade do segmento público atender sozinho a demanda

¹ Movimentos para construção de redes de apoio em saúde mental, blog Entendendo a Esquizofrenia, disponível em <http://entendendoaesquizofrenia.com.br/website/?p=7075>, acesso em 16maio2020.

² Nacional Alliance on Mental Illness, disponível em <https://www.nami.org/About-NAMI/What-We-Do>, acesso em 16maio2020.

e a urgência necessárias das famílias, uma parceria público-privada pode ser uma das opções facilitadora de recursos.

Foi citado também sobre o trabalho do Grupo Movimento, situado no bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, que tem um trabalho de ajuda comunitário de acolhimento funcionando numa praça do bairro.

Nas considerações finais foi enaltecido o excelente trabalho social e educativo que o Programa Entrelaços presta aos vulneráveis e familiares, desenvolvidos desde a criação em 2001; a importância de olhar para o futuro reconhecendo a necessidade de mudanças paulatinas; e a aceitação da nossa impotência em resolver todos os dilemas que nos afligem.